La Comédiathèque

O genro perfeito

Jean-Pierre Martinez





comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

O genro perfeito

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Quem abandona a noiva poucos dias antes do casamento, deixando como única explicação um post-it no frigorífico, faz melhor em não voltar um ano depois…

Personagens

Valentine

Stéphane

Maurice

Françoise

© La Comédiathèque

Uma sala de estar desarrumada. Num berço, um bebé chora. Por cima dele, um móbile musical toca uma daquelas melodias conhecidas que supostamente adormecem os bebés, enquanto projeta reflexos caleidoscópicos na parede do fundo. Entra uma jovem, Valentine, que pega no bebé ao colo para o acalmar.

Valentine – Vá, está na hora de dormir… Porque é que choras assim? Não tens motivo nenhum para chorar! Eu, sim, teria boas razões, mas tu? Porque raio haverias de berrar dessa maneira? Tens a barriga cheia e o rabinho limpo. Passas os dias a olhar para imagens psicadélicas no teto, a ouvir música para relaxar. Que mais queres? O teu ursinho? Já te expliquei: ontem a mamã deixou o teu ursinho em cima do Twingo da avó, ele voou na autoestrada e um camião enorme passou-lhe por cima. Conseguimos encontrar uma perna, mas o resto deve ter ficado esmagado debaixo das rodas. Queres a perna na mesma?

Ainda com o bebé ao colo, Valentine vai buscar a perna do peluche e entrega-lha.

Valentine – Toma. Mas aviso-te já que não é bonito de se ver… Está todo besuntado de óleo e cheira a gasóleo…

O bebé deixa de chorar.

Valentine – Aleluia! Será que vou finalmente ter um bocadinho de sossego?

Volta a deitar delicadamente o bebé no berço.

Valentine – Parece que os vapores de combustível o acalmam…

O toque estridente do telefone faz o bebé recomeçar a chorar.

Valentine – Não é possível! Isto é um pesadelo!

Atende, mal-humorada.

Valentine *(exasperada)* – Sim, mãe… Sim, sei que vêm cá daqui a pouco, já me telefonaste três vezes a dizer isso… Mas é claro que estou em casa! Onde querias que estivesse? A apanhar sol numa praia nas Seychelles? Uma surpresa… Não gosto muito de surpresas, mas pronto… Sim, sim, estou mortinha por saber o que é… Está bem, até logo, mãe… Um beijinho para ti também… Ah, mãe! Sobretudo, quando chegarem, não toquem à campainha! Pode ser que entretanto tenha conseguido adormecê-lo… Batam devagarinho, que eu ouço! Num apartamento com sala e quarto, como sabes, nunca se está muito longe da porta. Está bem, até logo…

Valentine desliga. O bebé continua a chorar. Volta a pegá-lo ao colo.

Valentine – Que queres agora? Que ponha mais um bocadinho de gasóleo no ursinho? Desculpa, já não tenho! Talvez resulte com diluente, mas tens de me prometer que não vais fumar na cama, como o teu pai costumava fazer… E não me perguntes onde anda o teu pai, ouviste? A mamã também perdeu o seu ursinho. E nem sequer conseguiu recuperar uma perna… Queres que te cante uma canção? Não sei se conheço muitas… Nunca decoro as letras… Mas posso fazer-te uma música de que o papá gostava muito. Chama-se Smoke on the Water.

Valentine imita com a boca os primeiros acordes lendários de Smoke on the Water, dos Deep Purple. Talvez estupefacto com aquela interpretação inesperada, o bebé acalma-se imediatamente. Valentine volta a deitá-lo no berço.

Valentine – Incrível! Parece que prefere os Deep Purple às canções de embalar…

A campainha da porta toca ruidosamente e o bebé desata outra vez a chorar. Valentine fica por instantes sem reação, antes de se dirigir à porta, exasperada.

Valentine – Vou estrangulá-los…

Valentine abre a porta e fica muito surpreendida ao ver no patamar um jovem de fato, camisa branca e gravata.

Stéphane – Ainda me reconheces, não reconheces…?

Valentine – Stéphane?

O bebé deixa de chorar.

Stéphane – Preciso mesmo de falar contigo.

Valentine – Nem penses. Põe-te a andar! Não te quero voltar a ver!

Ela tenta fechar a porta, mas ele impede-a.

Stéphane – Compreendo a tua reação, Valentine… Mas tens de me ouvir. Suplico-te, deixa-me entrar cinco minutos…

Valentine – Mas que lata apareceres assim sem avisar! Ao fim de um ano!

Stéphane – Se tivesse avisado, nem sequer me abrias a porta…

Valentine – Desaparece, já te disse! Para mim estás morto, percebeste?

Stéphane – Está bem, não vou forçar a entrada. Mas, se não me deixares entrar, sento-me no teu capacho e não saio daqui enquanto não ouvires o que tenho para te dizer…

Valentine hesita, visivelmente ultrapassada pela situação.

Valentine – Está bem, mas dá-me primeiro trinta segundos. Isto está uma desordem… E depois vais-te embora, combinado?

Stéphane – Combinado.

Valentine fecha a porta.

Valentine – Não, isto não me está a acontecer…

Valentine retira da sala tudo o que possa denunciar a presença de um bebé: roupa, fraldas, brinquedos… Depois inclina-se sobre o berço.

Valentine – Se ficares caladinho, a mamã compra-te outro ursinho, com cabeça e braços, está bem?

Leva o berço para a divisão ao lado, regressa, compõe a roupa e volta a abrir a porta.

Stéphane – Obrigado, Valentine…

Valentine – Combinámos cinco minutos. *(Olha para o relógio.)* Daqui a cinco minutos, pões-te a andar, aviso-te já.

Stéphane – Está bem.

Stéphane entra na sala, observa-a e depois olha para Valentine.

Stéphane – Não mudaste nada…

Valentine – Não posso dizer o mesmo de ti… Da última vez que te vi, tinhas cabelo comprido, barba, casaco de cabedal e botas de cowboy…

Stéphane – Diz-se que o hábito não faz o monge, mas nem sempre é verdade. Mudei, garanto-te…

Valentine – O que queres, Stéphane?

Stéphane – Compreendo que estejas zangada comigo…

Valentine – Eu? Porque haveria de estar? Há precisamente um ano, por esta altura, faltava uma semana para o nosso casamento. Lembras-te? Os convites já tinham sido enviados. Até os lugares à mesa estavam distribuídos.

Stéphane – Eu sei…

Valentine – Sabes…? Mesmo assim, isso não te impediu de desapareceres de um dia para o outro, sem uma palavra de explicação…

Stéphane – Estás a exagerar… Deixei-te um bilhete… Recebeste-o, ao menos?

Valentine – Ah, pois, desculpa… O post-it no frigorífico… Por acaso até o guardei de recordação. *(Abre uma gaveta, tira um post-it e lê.)* «Ês boa demais para mim. Não te meresso. Esqueça-me.» Três frases e três erros de ortografia. *(Lança-lhe um olhar assassino.)* Achas que isto chega para que, doze meses depois, te receba de braços abertos?

Ele baixa a cabeça.

Stéphane – Eu explico-te…

Valentine – Afinal não conseguiste arranjar uma rapariga pior do que eu, foi isso? Depois de um ano à procura, não é propriamente lisonjeiro para mim…

Stéphane – Não te contei tudo, Valentine.

Valentine – Espera, já sei… Foste raptado por extraterrestres. Levaram-te para o planeta deles para fazer experiências científicas contigo e acabaram de te libertar, certo?

Stéphane – Não estás muito longe da verdade, sabes?

Valentine – A sério?

Stéphane – Fui preso depois de assaltar uma mercearia… Apanhei um ano de prisão efetiva…

Após um momento de espanto, Valentine aplaude com ironia.

Valentine – Bravo, artista… Estou impressionada…

Stéphane – Sabia que não ias acreditar em mim…

Valentine – Ah, finalmente acertaste numa coisa!

Stéphane arregaça a manga da camisa para mostrar algo que se assemelha a uma pulseira eletrónica.

Stéphane – Estou em liberdade condicional. Tenho de usar uma pulseira eletrónica. Só durante mais alguns dias…

Valentine, impressionada, passa da ironia à surpresa.

Valentine *(desconfiada)* – Isso não se usa no tornozelo? Foi o que vi na televisão.

Stéphane – Nas séries americanas, talvez… Em França, usa-se no pulso. Daí chamar-se pulseira…

Valentine – Mas que raio te passou pela cabeça para assaltares uma mercearia?

Stéphane – Precisava de dinheiro… Para pagar o nosso casamento, entre outras coisas…

Valentine – Portanto era esse o valor que davas ao nosso amor? O dinheiro da caixa de uma mercearia. De um supermercado qualquer?

Stéphane – Na verdade, era uma pequena mercearia do bairro…

Valentine – Já que ias parar à prisão, ao menos podias ter assaltado um banco! Mas nunca tiveste ambição nenhuma, Stéphane. És um falhado. Afinal tinhas razão: sou boa de mais para ti…

Stéphane – Era a mercearia mesmo por baixo da minha casa… O dono reconheceu-me e chamou a polícia. Ainda tive tempo de passar por tua casa para te deixar aquele bilhete, antes de os polícias me virem prender…

Valentine – E porque é que não me disseste nada?

Stéphane – Queria poupar-te a uma explicação embaraçosa com os teus pais!

Valentine – Que delicadeza da tua parte.

Stéphane – Sobretudo com o teu pai. Sendo ele gendarme… Imaginas a vergonha de ter de contar aos colegas que o casamento não se podia realizar porque o futuro genro estava preso? Já não gostava muito de mim… O teu pai nunca confiou em mim…

Valentine – Realmente, não se percebe porquê…

Stéphane – Mas, neste ano atrás das grades, tive tempo para pensar, Valentine. E percebi uma coisa: o futuro é um prato que se come frio.

Ela fica assombrada com a profundidade daquele aforismo.

Valentine – E precisaste de um ano para chegar a essa conclusão?

Stéphane – A partir de agora, acabaram-se as asneiras, juro. Pela cabeça dos nossos futuros filhos…

Valentine – Também deixaste a música?

Stéphane mostra a sua nova aparência de executivo.

Stéphane – Tens diante de ti um Stéphane completamente novo, Valentine.

Valentine – Estou a ver… Quando abri a porta, pensei que fossem as Testemunhas de Jeová.

Stéphane – Não me digas que preferias o Stéphane de antes.

Valentine – Dá-me tempo para me habituar…

Stéphane – Até arranjei um emprego a sério!

Valentine – E trabalhas em quê, exatamente? Numa agência funerária?

Stéphane – Trabalho… na indústria alimentar.

Stéphane pega nas mãos de Valentine.

Stéphane – Confia em mim, Valentine. Amadureci, sabes? Quero assentar, finalmente. Partilhar tudo com alguém…

Valentine – Mas tu não tens nada! O que é que queres partilhar? Até para comprares as alianças tiveste de assaltar um merceeiro!

Stéphane – Quero dizer… Partilhar a minha vida com alguém. Contigo, se quiseres…

Valentine – Pois claro… Até que a morte nos separe… Continuas a saber falar tão bem com as mulheres.

Stéphane – Posso beijar-te?

Ela afasta-se bruscamente.

Valentine – Pronto, os cinco minutos acabaram, Stéphane. Cumpri a minha palavra. Ouvi-te. Agora cumpre a tua e desaparece.

Stéphane – Tentei escrever-te da prisão, juro. Mas tinhas mudado de casa sem deixar morada. As cartas vieram devolvidas. E, dadas as circunstâncias, não me atrevi a perguntar aos teus pais…

Valentine – Ao menos nisso fizeste bem.

Stéphane – Depois do que aconteceu, precisei de muita coragem para vir bater-te à porta, sabes?

Valentine – És realmente um herói…

Stéphane – Dá-me mais uma oportunidade, Valentine.

Valentine – Não tenho tempo, Stéphane.

Stéphane – Compreendo que não me possas perdoar já. Que precises de tempo. Eu espero. O tempo que for preciso. Agora tenho todo o tempo do mundo…

Valentine – Pois eu não! Não estás a perceber? Agora não tenho tempo! Estou à espera de alguém!

Stéphane – Há outro homem na tua vida, é isso?

Valentine – É isso mesmo. Está quase a chegar. E queria evitar que se cruzasse contigo aqui, percebes?

Stéphane – Compreendo… Refizeste a tua vida… Não ias ficar meses à minha espera… Esqueceste-me, pronto…

Valentine pega novamente no post-it e mostra-lho.

Valentine – Foi isso que me pediste, não foi? Olha, está aqui escrito: esquece-me! Pois foi o que fiz. Já não fazes parte da minha vida, Stéphane…

Stéphane – Nesse caso vou-me embora… Nunca mais ouvirás falar de mim, Valentine… A não ser que mudes de ideias, claro… Deixo-te o meu número de telemóvel, por via das dúvidas… *(Tira um lápis.)* Tens um papel?

Ela entrega-lhe o velho post-it.

Valentine – Toma, escreve-o no post-it… E depois desapareces, combinado?

Ele escreve no post-it. Batem à porta.

Valentine – Merda!

Stéphane – É ele? Não te preocupes, não quero criar-te problemas. Explico-lhe tudo. Tenho a certeza de que vai compreender.

Valentine – São os meus pais!

Stéphane *(preocupado)* – Os teus pais? Queres dizer… a tua mãe e o teu pai?

Valentine – Sim, é normalmente isso que quero dizer quando falo dos meus pais.

Stéphane *(recuperando a esperança)* – Portanto, era por eles que estavas à espera… Afinal continuas solteira, não é?

Valentine entra em pânico.

Valentine – Eles não te podem ver aqui de maneira nenhuma, percebeste?

Stéphane – É verdade que também têm motivos para estar zangados comigo, mas… Hei de arranjar alguma coisa para lhes dizer e tenho a certeza de que vão compreender.

Valentine – Duvido muito, Stéphane.

Stéphane – Está bem, não falo da prisão, se puder evitar. Sobretudo diante do teu pai, que é gendarme… Invento outra coisa. Confias em mim?

Valentine – Sim, mas não. Não pode ser, garanto-te.

Stéphane – Mas porquê?

Valentine – Porque… vai ser um choque para eles…

Stéphane – Confesso que o teu pai sempre me meteu um bocadinho de medo… Mas a tua mãe gostava de mim, não gostava? Eu explico-lhes tudo…

Valentine – Já te disse que não, porra!

A campainha toca.

Stéphane – Mas porquê?

Valentine – Porque lhes disse que tinhas morrido!

Stéphane fica atónito. A campainha volta a tocar.

Stéphane – Não fizeste isso!

Valentine – Na altura pareceu-me a maneira mais simples de evitar explicações ainda mais humilhantes, se é que me entendes… E recordo-te que me pediste para te esquecer para sempre. Não era suposto voltares…

Stéphane – O teu pai vai matar-me…

Valentine – Assim, ao menos, ficas mesmo morto.

Stéphane – E agora, o que fazemos?

Valentine – Já é tarde para fugires. Não há saída de emergência. É um apartamento com sala e quarto. E os meus pais são uns intrometidos.

Stéphane – Os armários? Costuma ser aí que se escondem os cadáveres…

Valentine – Isto não é uma comédia de boulevard, Stéphane… Além disso, a primeira coisa que a minha mãe faz quando chega é abrir os armários para inspecionar a minha roupa.

Stéphane – Debaixo da cama não. Tenho alergias. Basta um bocadinho de pó para começar a espirrar.

A campainha toca de novo, insistentemente.

Valentine – Tenho de abrir, senão o meu pai deita a porta abaixo. Por agora, vais para o quarto. Até eu inventar uma explicação convincente para a tua ressurreição…

Stéphane – A minha ressurreição… Espero que estejas inspirada. Para explicar uma coisa destas foi preciso escrever a Bíblia…

Valentine indica o quarto a Stéphane.

Valentine – Ficas calado e não sais de lá até eu te vir buscar, percebeste?

Stéphane – Está bem.

Stéphane desaparece no quarto. O bebé desata imediatamente a chorar outra vez.

Valentine – Merda… Tinha-me esquecido disso…

A campainha toca novamente. Valentine corre a abrir a porta. Entram os pais: Maurice, com ar de gendarme à paisana, e Françoise, uma antiga hippie que nunca deixou de o ser. Maurice traz um embrulho e olha à volta com desconfiança.

Maurice – Já estávamos a pensar que te tinha acontecido alguma coisa. Estava quase a arrombar a porta…

Valentine – O que é que me havia de acontecer?

Françoise dá um beijo à filha.

Françoise – Olá, querida! Está tudo bem? Pareces um bocadinho cansada…

Valentine – Não, não, estou bem… Quer dizer…

Valentine também abraça o pai. Depois repara no embrulho.

Valentine – O que é isso? Ainda não é Natal… Nem o meu aniversário.

Maurice – É a surpresa de que a tua mãe te falou…

Françoise – Nunca vais adivinhar o que está aqui dentro. Vais apanhar um choque!

Valentine – A sério…? Hoje é só surpresas…

Françoise – Vá, dá-lho!

Maurice entrega o embrulho à filha.

Maurice – Toma, querida.

Valentine começa a abrir o embrulho.

Valentine – Espero que não seja uma encomenda armadilhada…

Retira um ursinho de peluche bastante desfigurado e sem uma perna.

Valentine – O que é isto?

Françoise – Então, é o Toto!

Valentine – O Toto?

Françoise – Felizmente tive a presença de espírito de apontar a matrícula do camião. O teu pai pediu aos colegas para emitirem um aviso de procura e ontem… bingo!

Maurice – Intercetámos o veículo suspeito na autoestrada, pouco antes de Marselha. O ursinho estava preso no radiador do camião.

Françoise – Não te disse nada antes, para não te dar falsas esperanças…

Maurice – Claro que sofreu um bocado, mas pronto… Guardaste o membro arrancado, pelo menos?

Valentine – Claro.

Françoise – Se o puseste no gelo, ainda podemos cosê-lo. Estou a brincar…

Valentine – Ah, sim, vai ficar encantado…

Ouve-se outra vez o bebé a chorar.

Françoise – Queres que vá buscá-lo? Assim damos-lhe já o ursinho.

Valentine impede a mãe de passar.

Valentine – Não, espera. Primeiro tenho de te explicar uma coisa.

Françoise – Mas não o podemos deixar chorar dessa maneira.

Maurice *(à mulher)* – Se vais logo pegá-lo ao colo mal começa a choramingar… acabas por fazer dele um mariquinhas…

Françoise – Está bem, está bem! Não eras tu que me fazias levantar vinte vezes por noite quando a Valentine era bebé? Dizias que não a podíamos deixar chorar!

Maurice – Era uma menina, não é a mesma coisa…

Françoise – Era a tua menina, sobretudo… Pronto, vou buscá-lo…

Valentine volta a interpor-se.

Valentine – Tenho mesmo de vos dizer uma coisa antes.

Françoise – O quê?

Valentine – Não estou sozinha…

Françoise – Mas claro que não estás sozinha, querida! Estaremos sempre aqui para ti! Não é, Maurice?

Maurice – Acho que não era bem isso que ela queria dizer.

Françoise – Meu Deus! Aconteceu alguma coisa ao bebé! Está cá o médico? Não me digas que tiveste de chamar uma ambulância…

Valentine – Calma, está tudo bem, mas… está um homem no quarto.

Os pais ficam por momentos estupefactos.

Françoise – Um homem? Mas isso é maravilhoso, minha querida! Bem sabíamos que não ias passar o resto da vida sozinha! Não estamos na Idade Média, pois não, Maurice? Não vais vestir-te de preto e ficar de luto pelo marido até ao fim dos teus dias!

Maurice – Até porque nem sequer eram casados…

Valentine – É um bocadinho mais complicado do que isso, mãe…

Françoise – Dois meses depois do parto, realmente não perdeste tempo… Mas tenho a certeza de que é boa pessoa.

Maurice – Se já está disposto a mudar as fraldas a uma criança que nem sequer é dele, deve ser um santo… Tens a certeza de que não prefere homens?

Françoise – Maurice, por favor. Guarda essas piadas de caserna para os teus colegas…

Maurice – Não estava a brincar…

Françoise – Chama-o, apresentas-no-lo e pronto.

Maurice – Mas quem é ele? Onde o conheceste?

Françoise – Se o tirasses do esconderijo, ele próprio nos contava.

Valentine – É irmão do Stéphane.

Françoise – Irmão do Stéphane?

Maurice – Ah, então é tio do bebé…

Françoise – Nem sabia que o Stéphane tinha um irmão!

Valentine – É até o irmão gémeo dele.

Maurice – O teu novo namorado é o irmão gémeo do Stéphane!

Françoise – Ela não disse que era o namorado, fomos nós que… Não é teu namorado, pois não?

Valentine – Claro que não. Chegou esta manhã a Paris… Mas ele próprio vos explica.

Valentine vai abrir a porta do quarto.

Valentine – Stefano, podes vir?

Françoise – Chama-se Stefano?

Stéphane regressa à sala.

Valentine – Apresento-vos o Stefano, irmão gémeo do Stéphane. Chegou esta manhã de Roma…

Stéphane parece um pouco desconcertado.

Stéphane – Buongiorno…

Os pais ficam em estado de choque.

Valentine – É italiano, mas fala a nossa língua na perfeição, não é, Stefano?

Stéphane – Fiz os estudos todos em Paris.

Françoise aproxima-se e abraça-o.

Françoise – Os nossos mais sinceros pêsames, Stefano. Sei o que é perder um irmão.

Maurice – O teu irmão morreu?

Françoise – Não, mas imagino o que sentiria se isso acontecesse.

Maurice – Fala sem sotaque nenhum. De onde é exatamente?

Françoise – Já está a ver? Daqui a nada pede-lhe a identificação… O meu marido é gendarme.

Valentine – É um bocadinho complicado… O Stefano é francês, mas nasceu em Roma.

Françoise – Mas o Stéphane nasceu em Paris, não foi?

Valentine – Sim, exatamente…

Maurice – É um pouco estranho, tratando-se de gémeos, não achas?

Valentine – Compreendo a vossa surpresa.

Stéphane – Sim, as pessoas ficam sempre surpreendidas quando conto esta história.

Maurice – Então?

Valentine – O Stefano vai explicar-vos.

Stéphane – Não, não, conta tu. Contas melhor do que eu…

Valentine – Mas é a tua história. E a da tua família…

Stéphane – Uma história bastante dolorosa… É por isso que não gosto muito de falar dela, mas enfim…

Françoise – Não é obrigado a contar, sabe?

Maurice – Olhe que sim, tenho curiosidade. Por muito que estejamos no espaço Schengen, gostava de perceber como é que dois gémeos podem nascer em capitais europeias separadas por dois mil quilómetros.

Stéphane – Bem… É muito simples, na verdade… O meu irmão e eu nascemos num avião, durante um voo de Roma para Paris.

Maurice – Ora essa…

Stéphane – E…

Valentine – O Stefano nasceu durante a descolagem e o Stéphane durante a aterragem.

Françoise – Ah, já percebi… Então o senhor é o mais velho!

Stéphane – E por isso é que sou italiano…

Valentine – E o Stéphane era francês. Quer dizer, era…

Maurice – Estou a ver…

Françoise – Mas nunca nos disseste que o Stéphane tinha um irmão.

Valentine – Porque o próprio Stéphane não sabia! Nem sequer conhecia os pais. Aliás, foi por isso que nunca mos apresentou.

Maurice – A sério? Conte lá isso…

Valentine – Bem… É uma história terrível… e quase inacreditável.

Maurice – Imagino…

Valentine – Na altura, o pai do Stéphane era muito pobre.

Stéphane – Foi por isso que decidiu emigrar para França com a mulher, à procura de trabalho como pedreiro…

Maurice – De avião…?

Valentine – Era uma companhia de baixo custo, evidentemente.

Maurice – Evidentemente…

Valentine – Enfim, como já vos disse, a mulher deu à luz o Stefano pouco depois de o avião descolar de Roma. A tripulação prestou-lhe assistência e correu tudo bem.

Stéphane – E olhem que não foi um parto fácil. Nasci sentado…

Françoise – E aposto que não foi num lugar de primeira classe.

Valentine – Mas…

Maurice – Mas ainda havia outro bebé a caminho.

Valentine – Exatamente! Quando o avião estava a aterrar, a mãe do Stefano precisou de ir à casa de banho, e foi lá que deu à luz o Stéphane.

Françoise – Não me diga!

Valentine – Como os pais não tinham um tostão, decidiram ficar apenas com um dos filhos.

Stéphane – Comigo…

Françoise – Que história terrível…

Stéphane – Bem vos avisei.

Maurice – Estou quase com lágrimas nos olhos…

Valentine – Foi o próprio piloto quem encontrou o bebé na casa de banho do avião…

Stéphane – Quando foi limpá-la antes de voltar a descolar para Roma.

Maurice – O piloto…

Stéphane – Sabe como é nas companhias de baixo custo: toda a gente tem de fazer um pouco de tudo…

Françoise – E depois?

Valentine – O bebé passou de mão em mão… Durante alguns anos foi criado pelas hospedeiras de bordo.

Stéphane – Mulheres generosas, que o alimentavam com as refeições que sobravam nos tabuleiros.

Valentine – E quando chegou à idade de ir à escola…

Stéphane – Tiveram de o entregar aos serviços de proteção de menores.

Valentine – Imaginem como lhes custou.

Stéphane – Claro, tinham tido tempo de se afeiçoar a ele…

Valentine – Enfim, há uns anos o Stéphane começou a fazer diligências junto dos serviços sociais para descobrir quem eram os pais…

Stéphane – E o Stéphane morreu poucos dias depois de finalmente encontrar a família, na sequência daquela longa doença…

Valentine – Quer dizer, daquele afogamento.

Stéphane – Ah, morreu afogado?

Valentine – Sim, bem, essa é outra história…

Françoise – Inacreditável.

Maurice – Sim… Completamente louco…

Françoise – O mais impressionante é serem tão parecidos, não acham?

Maurice – Sim, parecem…

Françoise – Gémeos.

Maurice – É só pôr-lhe uma barba e cabelo comprido…

Françoise – Trocar o fato e a gravata por umas calças de ganga velhas e um blusão preto…

Maurice – E substituir esse olhar inteligente por um sorriso parvo…

Françoise – Bem, se olharmos com atenção…

Maurice – O quê?

Françoise – O Stéphane era um bocadinho mais baixo, não era? Quer dizer, não era tão alto…

Valentine – Quando se cresce a comer as refeições de uma companhia de baixo custo… isso não ajuda ao crescimento…

Maurice – E o que faz este jovem na vida?

Valentine – O Stefano… tem um cargo de grande responsabilidade na indústria alimentar.

Françoise – Ah, sim…

Maurice – Sempre é mais tranquilizador do que ser baterista numa banda de rock…

Françoise – Maurice, por favor…

Valentine – Sempre soube o que pensavas do Stéphane, pai, não te preocupes.

Françoise – Repetiste-o vezes sem conta: ser músico é coisa de falhados. Mas, já que se toca numa banda, ao menos que seja como vocalista.

Valentine – Enfim, o líder do grupo…

Maurice – O baterista é sempre o mais burro da banda. Toda a gente sabe…

Stéphane *(ofendido)* – Pelo que ouvi dizer, a banda do Stéphane não estava a correr assim tão mal…

Françoise – Como se chamava?

Stéphane – Os Rebeldes…

Maurice – É isso… Os Rebeldes… Que nome tão estúpido! Com rebeldes desses, os gendarmes podem dormir descansados. Andam no metro sem bilhete e julgam-se revolucionários.

Stéphane – Acho que até tinham uma digressão marcada.

Maurice – Uma digressão! Uma volta pelos bares, talvez…

Stéphane – Quem sabe… Se o baterista não tivesse morrido prematuramente, talvez tivessem tido sucesso…

Françoise – O meu marido não percebe nada de música moderna, Stefano. Eu gostava muito do seu irmão. A morte dele deixou-me muito triste…

Ouve-se novamente o bebé a chorar.

Stéphane – E quem é este bebé? Estás a fazer de babysitter, Valentine?

Maurice – O bebé?

Françoise – É o seu sobrinho, Stefano!

Maurice – Pois é, rapaz, já é tio…

Stéphane – Meu sobrinho?

Françoise – Sim, o filho do Stéphane!

Maurice – Ele não sabia?

Valentine – Acabou de chegar… Ainda não tive tempo de lhe dar a boa notícia…

Françoise – É tão triste pensar que este menino nunca conhecerá o pai…

Stéphane – E porquê?

Valentine – Porque está morto!

Stéphane – Ah, pois, é verdade… Mas como é que ele morreu, exatamente?

Françoise – A Valentine também não lhe contou isso?

Valentine – Acabou de chegar, já vos disse…

Françoise – Sei que não serve de grande consolo, Stefano, mas o seu irmão morreu como um herói.

Stéphane – A sério?

Valentine – Talvez não seja preciso entrar em pormenores… Ainda é tudo muito recente para o Stefano. Pode ser muita coisa de uma vez, não?

Stéphane – A estas alturas…

Françoise – O Stéphane morreu a salvar uma mãe e os seus dois filhos de morrerem afogados.

Stéphane – Não me diga!

Françoise – Conseguiu trazer os três até à margem, mas, exausto com o esforço, acabou por ser arrastado pela corrente…

Stéphane – Então o Stéphane era um herói…

Maurice – E um herói muito discreto.

Françoise – Antes de desaparecer nas águas, ainda teve tempo de gritar à família que salvara que não queria que os meios de comunicação falassem do seu sacrifício…

Maurice – Foi por isso que os jornais nunca falaram do assunto.

Françoise – Caso contrário, tenho a certeza de que lhe teriam dado a Legião de Honra.

Maurice – Certamente… Hoje em dia, dão-na a toda a gente.

Stéphane – Até me vêm as lágrimas aos olhos… Valentine, deve ser um conforto saber que durante nove meses trouxeste no ventre o filho desse ser excecional. E que a sua presença te recordará para sempre o amor que sentias pelo Stéphane.

Françoise – A minha filha até escreveu ao presidente da República para pedir autorização para casar com o Stéphane a título póstumo, mas ainda não recebeu resposta…

Stéphane – Ah, sim…?

Maurice – Fizemos uma pequena coleta para comprar uma coroa de flores.

Françoise – Mas nem houve funeral, porque nunca se encontrou o corpo…

Maurice – E como não conhecíamos a família dele…

Françoise – Fizemos apenas uma pequena cerimónia entre nós, na maior intimidade… Foi muito comovente…

Stéphane – Imagino…

Maurice – Claro que nestas condições não é fácil fazer o luto.

Françoise – E pensar que o senhor também nunca chegará a conhecer o seu irmão…

Suspiros.

Maurice – Enfim, esta criança perdeu o pai, mas ganhou um tio.

Françoise – Um tio que, por milagre, é igualzinho ao pai.

Silêncio constrangedor.

Valentine – Querem beber alguma coisa?

Ouve-se novamente o bebé a chorar.

Françoise – Acho que é melhor dar primeiro alguma coisa de beber a ele…

Maurice – Não há por aí nenhuma hospedeira de bordo que lhe possa dar de mamar?

Valentine – Vou ver…

Ela sai.

Françoise – Vou contigo…

Françoise sai atrás dela. Silêncio embaraçoso.

Maurice – Que história…

Stéphane – Pois é…

Novo silêncio.

Maurice – Diga-me uma coisa, meu rapaz…

Stéphane – Stefano.

Maurice – Stefano, isso mesmo. Diga-me, meu caro Stefano, custa-me um bocado falar disto consigo, sobretudo num momento destes, mas…

Stéphane – Esteja à vontade, agora sou quase da família, não é?

Maurice – Está bem… Acontece que adiantei ao seu irmão o dinheiro necessário para pagar o casamento com a minha filha.

Stéphane – Ah, sim…?

Maurice – Como ele não tinha um tostão…

Stéphane – Os artistas, sabe como são…

Maurice – Pois… O copo-d'água… O restaurante… Até o vestido de noiva… Escusado será dizer que tudo isso custa uma fortuna…

Stéphane – Imagino…

Maurice – E como o casamento nunca se realizou, pensei que… talvez pudesse recuperar o dinheiro que lhe adiantei.

Stéphane – Estou a ver…

Maurice – Por acaso não sabe o que ele fez a esse dinheiro?

Stéphane – Francamente, não faço ideia… Mas, claro, se…

Maurice – Quinze mil euros ainda é muito dinheiro.

Stéphane – Pois é…

Maurice – Quase o preço de um carro novo… E acontece que vou ter de trocar o meu…

Stéphane – Vou ver o que posso fazer, prometo…

Maurice – Ficava-lhe muito agradecido… Afinal, agora é o senhor que vai herdar do seu irmão.

Stéphane – Se houver alguma coisa a herdar, claro…

Françoise e Valentine regressam.

Françoise – Só queria a chucha… Devem ser os dentes. *(À filha.)* Não estás um bocadinho mais magra?

Valentine – Não sei…

Françoise – Seja como for, estás com ótima cara. A maternidade faz-te bem. Não acha, Stefano? A minha filha está radiante, não está?

Stéphane – Sim, sem dúvida…

Françoise – A vida continua, não é? Não podemos deixar-nos abater pelas dificuldades.

Maurice – É como andar a cavalo. Quando se cai, há que voltar a montar imediatamente, senão…

Françoise – É casado, Stefano?

Stéphane – Eh… não. Que eu saiba, não. Quer dizer… ainda não.

Maurice – E esse Stéphane, cá entre nós, agora que já cá não está podemos dizê-lo: não era homem para ti.

Françoise – Vá lá, Maurice… Um pouco de respeito pelos mortos.

Maurice – Sabe, no meu trabalho vê-se de tudo… Acabamos por desenvolver um sexto sentido. E ele… Sempre achei que havia de acabar na prisão…

Stefano puxa a manga para esconder a suposta pulseira eletrónica.

Françoise – Mas morreu como um herói…

Maurice – É bonito morrer como um herói, mas melhor ainda é viver como um homem honesto. A verdade é que engravidou a minha filha e fugiu pouco antes do casamento!

Françoise – Mas ele morreu!

Maurice – Pois, muito conveniente, não achas? O senhor, pelo contrário, parece-me um jovem sério, Stefano. Um homem de palavra…

Stéphane – Obrigado…

Maurice – Porque não casas com este, Valentine? É o genro perfeito!

Françoise – Maurice, por favor… Um bocadinho de delicadeza… Embora seja verdade que o Stefano é muito bonito… Não achas, Valentine?

Valentine – Casar-me com o irmão gémeo do pai do meu… Não seria um bocado estranho?

Françoise – Por outro lado, não estranhavas muito. É igual ao outro!

Maurice – Mas melhor…

Valentine – Não, francamente, o Stefano não faz nada o meu género de homem.

Stéphane – Isso não é lá muito simpático da tua parte…

Valentine – Desculpe, mas… Passei por muita coisa nos últimos tempos. Acho que ainda não estou preparada para…

Maurice – Nesse caso, talvez o rapaz agradasse à tua irmã… O que achas, Françoise?

Françoise – Mas, Maurice, não sou eu que tenho de dizer isso! Pareces um vendedor de camelos a tentar despachar parte do rebanho…

Maurice – Podes ao menos mostrar-lhe uma fotografia da irmã da Valentine, para conhecer melhor a família do sobrinho!

Ela tira uma fotografia da mala e mostra-a a Stefano.

Françoise – Trago sempre uma fotografia das minhas filhas. Olhe, aqui está ela de fato de banho na praia de Saint-Brevin-les-Pins. É lá que passamos as férias, no parque de campismo Flots Bleus.

Valentine – Mãe…

Stéphane – Ah, sim, o topless favorece-a bastante.

Françoise – Sabia que ela foi Miss Camping?

Stéphane – Não me admira nada…

Maurice – Talvez pudéssemos telefonar-lhe para vir tomar chá connosco?

Françoise – Assim ficava a conhecer o Stefano…

Maurice – E como o casamento já está pago…

Valentine – Que casamento?

Stéphane – Depois explico-te…

Maurice – Então, que me diz, Stefano? Posso tratá-lo por Stefano?

Stéphane – Claro que sim.

Maurice – Afinal, já faz um bocadinho parte da família, não é? Então?

Stéphane – É verdade que ela é muito bonita…

Valentine – Pronto, já chega… E não sei se hoje ela voltava a ser eleita Miss Camping à primeira volta. Nem à segunda. Esta fotografia tem dez anos e, desde então, ela engordou pelo menos um quilo por ano…

Françoise – Estás a exagerar…

Maurice – Não estarás é com ciúmes? Pensei que o Stefano não fazia nada o teu género…

Valentine – Seja como for, parece-me um pouco cedo para organizarmos uma grande reunião familiar. A situação já é bastante complicada, não é? Recordo-vos que o Stefano acabou de saber que o irmão morreu…

Françoise – Tens razão, querida…

O bebé desata outra vez a chorar.

Françoise – Vou tratar dele… *(Com segundas intenções.)* Vens comigo, Maurice?

Maurice – Para quê?

Françoise – Estes dois jovens devem ter muito que conversar…

Maurice – E não façam disparates, ouviram?

Françoise e Maurice saem. Mal desaparecem, Valentine volta-se para Stéphane, exasperada.

Valentine – Então agora também queres ir para a cama com a minha irmã?

Stéphane – Só disse aquilo para ver a tua reação. É contigo que quero passar o resto da vida, Valentine. E agora que temos um filho…

Valentine – Temos?

Stéphane – É meu filho, não é?

Valentine – Um bocadinho tarde para te preocupares com isso, não achas?

Stéphane – Está bem, fiz asneira. Mas agora estou aqui. Tenho um emprego a sério e…

Valentine – Nunca mais vou confiar em ti, Stéphane. Assim que os meus pais saírem, desapareces daqui e nunca mais voltas, percebeste?

Stéphane – Não consigo viver sem ti, Valentine. Prefiro acabar com tudo.

Valentine – Então força!

Stéphane – Não me levas a sério, pois não?

Valentine – Convenhamos que ainda não me deste grandes motivos para acreditar em ti.

Stéphane dirige-se para a porta.

Stéphane – Muito bem, nunca mais ouvirás falar de mim… A não ser na secção de notícias policiais, talvez. Já que o Stéphane morreu afogado, vou atirar-me ao Sena. Assim nem precisas de voltar a mentir aos teus pais… Adeus, Valentine…

Valentine agarra-o bruscamente pelo pulso para o impedir de sair.

Valentine – Não, espera…

Stéphane – Era melhor para todos se eu estivesse mesmo morto, Valentine, acredita…

Valentine – Fica… Por favor…

Stéphane tenta sair na mesma e, nesse movimento, a suposta pulseira eletrónica fica na mão de Valentine. Espantada, ela examina o objeto.

Valentine – Mas o que é isto? Estás a gozar comigo!

Stéphane – Eu explico-te…

Valentine levanta o objeto.

Valentine – Isto é uma pulseira eletrónica? Não será antes um cadeado de bicicleta?

Stéphane – O que é verdade é que te amo, Valentine. Olha, o código do cadeado é a tua data de nascimento!

Valentine – Portanto nunca estiveste preso, pois não?

Stéphane – Fui em digressão com a banda, mas zanguei-me com o vocalista.

Valentine – O Marco?

Stéphane – Conhece-lo?

Valentine – Sim, mais ou menos… Foste tu que mo apresentaste, não foste?

Stéphane – Depois percebi que tinha saudades tuas. E que chegara a altura de abandonar os meus sonhos de adolescente para construir uma vida a sério contigo.

Valentine – Fico encantada por saber que casares comigo significa o fim de todos os teus sonhos de adolescente… Um verdadeiro conto de fadas…

Stéphane – Ouve, tenta compreender-me! Sou apenas um homem… A ideia de me casar assustou-me. Entrei em pânico e fugi. Sei que não foi bonito e que te magoei muito. Mas amadureci, garanto-te.

Valentine – Pois… Fugiste, mas não sei se cresceste…

Stéphane – Continuo a achar que não te mereço, Valentine. Mas agora que temos um filho juntos… É um sinal, não é?

Valentine – Chamas a isso um sinal?

Stéphane – Dá-me outra oportunidade, Valentine… Esta criança precisa de um pai!

Valentine – Por enquanto, lembro-te que, para os meus pais, esta criança é órfã…

Stéphane – Já nem me lembrava disso…

Valentine – Mesmo tendo morrido como um herói, o meu pai considera-te um traidor. Se voltares como desertor… Sobretudo se ele trouxer a arma de serviço…

Stéphane fica lívido.

Stéphane – Talvez possamos evitar dizer-lhes que lhes mentimos…

Valentine – Ah, sim? E como?

Stéphane – Já que os teus pais fazem tanta questão, casas-te com o Stefano! É o genro perfeito!

Valentine – Não achas que esse papel de genro perfeito te fica um bocadinho grande? A longo prazo, sobretudo… Até porque duvido que sejas realmente executivo na indústria alimentar.

Stéphane – Digamos que embelezei um pouco a verdade…

Valentine – Embelezaste?

Stéphane – Entrego pizzas ao domicílio. Mas é temporário…

Valentine – Ao menos continuamos no ramo alimentar… E então, o que propões?

Ele pensa.

Stéphane – Tenho uma ideia!

Valentine – Não sei se isso me deve deixar descansada…

Maurice e Françoise regressam e interrompem-nos.

Françoise – É incrível como eles são parecidos consigo!

Maurice – Achas…?

Françoise – Sim, há ali umas parecenças… Tem a certeza de que não é o pai?

Stéphane finge atender o telemóvel.

Stéphane – Com licença, tenho uma chamada… Buongiorno. Sì. Pronto. Mamma mia… Desculpem, é uma chamada importante.

Sai para o patamar.

Maurice – Espero que não seja mais uma tragédia de família…

O bebé chora.

Françoise – Acho que está na hora do biberão…

Valentine – Vou eu…

Valentine sai.

Maurice – Acreditas nesta história dos gémeos?

Françoise – Tu não?

Maurice – Não, mas estamos a divertir-nos imenso…

Françoise – Então porque não disseste nada?

Maurice – Vamos deixá-los enterrar-se mais um bocadinho nas mentiras. Quero ver até onde conseguem ir antes de chegar ao fundo…

Françoise – Seja como for, o bebé não pode ser do Stéphane. Nasceu dez meses depois de ele desaparecer.

Maurice – Ah, sim?

Françoise – E, além disso, este bebé parece-se mais com o vocalista da banda do que com o baterista, não achas?

Maurice – O Marco?

Françoise – Tens razão, numa banda de rock, o macho dominante é o vocalista…

Maurice – Por outro lado, se este idiota estiver disposto a fazer de pai…

Françoise – Não é o genro perfeito, mas é o único que temos à mão.

Maurice – E não é certo que aquela tonta arranje outro tão depressa a quem pôr uma pulseira eletrónica no tornozelo.

Françoise – O quê?

Maurice – Uma aliança no dedo, quero eu dizer…

Stéphane regressa com um ar estranho.

Maurice – Está tudo bem, Stefano? Parece que acabou de ver um fantasma…

Stéphane – Quase…

Maurice – Não me diga…?

Stéphane – Acabei de receber uma chamada extraordinária.

Françoise – De quem…?

Stéphane – Do meu irmão, o Stéphane!

Maurice – O Stéphane?

Françoise – Não pode ser! Mas ele está morto!

Maurice – Não me diga que agora há rede até no outro mundo!

Stéphane – Pois imaginem que o Stéphane não morreu!

Maurice – Não?

Françoise – Mas como é possível?

Maurice – A verdade é que nunca encontrámos o corpo…

Françoise – Mas onde está ele?

Stéphane – Lá em baixo, no café. Está à espera que eu dê a notícia à Valentine com cuidado, antes de subir. Imaginem o choque que vai ter…

Maurice – Pois… Vai apanhar um choque, de certeza…

Valentine regressa do quarto.

Valentine – Mas que caras são essas? O que se passa?

Stéphane – É melhor sentares-te, Valentine…

Valentine – Estou muito bem de pé… Que têm vocês de tão importante para me dizer?

Françoise – Tens de ser corajosa, querida.

Stéphane – O Stéphane está vivo…

Valentine – Tu… Queres dizer que não está morto.

Stéphane – Sim, precisamente.

Valentine – Meu Deus, que horror… Quer dizer, que maravilha… Tens a certeza?

Stéphane – Acabei de falar com ele ao telefone…

Valentine – Sinto que vou desmaiar…

Finge perder os sentidos, mas Stéphane ampara-a nos braços. Os lábios quase se tocam.

Valentine *(recompondo-se)* – Não, Stefano, agora já não pode haver nada entre nós…

Stéphane – Tens razão…

Maurice – Parece uma telenovela.

Valentine – Não, quero dizer… Mas como é possível?

Françoise – Foi exatamente o que eu perguntei…

Stéphane – Ele próprio vos explicará tudo. Está lá em baixo à espera de que eu o chame para subir.

Maurice – Quer que lhe telefone? Qual é o número dele?

Stéphane – É melhor ir buscá-lo…

Stéphane sai.

Valentine – É incrível, não é?

Maurice – Incrível, pois… Parece que é a palavra do dia…

Valentine – Estou ansiosa por saber como pôde acontecer uma coisa destas…

Françoise – Isto é mesmo uma novela!

Maurice – Tens a certeza de que estás bem?

Valentine – Não sei… Espero que não tenha mudado muito…

Maurice – Pois… Se passou um ano dentro de água…

Françoise – Mas tu achas que…

Maurice – Não sei… Estou a tentar imaginar…

Françoise – Há de haver uma explicação…

Maurice – E confesso que estou muito curioso por ouvi-la…

Stefano regressa como Stéphane, de calças de ganga, blusão de cabedal e bigode postiço.

Stéphane – Olá, Valentine…

Valentine – És mesmo tu, Stéphane?

Stéphane – Sou eu, garanto-te…

Françoise – Mas ele não tinha barba, antes?

Valentine atira-se para os braços de Stéphane.

Valentine *(à parte)* – Não achas que estás a exagerar um bocadinho? Parece um desfile de postiços…

Stéphane – Há uma loja de artigos de Carnaval lá em baixo. Achei que assim era mais convincente…

Valentine – É incrível como mudaste…

Maurice – Sim, e não foi para melhor…

Françoise – É verdade que a barba lhe ficava melhor. *(Os pais estão consternados.)* Mas onde está o Stefano?

Stéphane – Preferiu retirar-se… Percebi que se tinha apaixonado pela vossa filha e que estava prestes a pedi-la em casamento.

Françoise – Que coisa terrível…

Maurice – A felicidade de uns…

Stéphane – Ficou de coração partido. Mas, evidentemente, decidiu afastar-se para dar lugar ao irmão.

Valentine – Talvez nunca mais o voltemos a ver…

Maurice – Que pena…

Françoise – É uma tragédia…

Maurice – Um verdadeiro melodrama, em todo o caso.

Françoise – Devia escrever uma peça de teatro com esta história. Tenho a certeza de que teria sucesso…

Maurice – Mas ainda não nos explicou como é que um homem dado como morto por afogamento reaparece vivo doze meses depois.

Stéphane – Admito que é espantoso…

Maurice – A estas alturas, já nada me espanta, acredite…

Stéphane – Fui encontrado inconsciente na foz do Sena, em Dieppe.

Françoise – Julgava que o Sena desaguava no Havre.

Maurice – Deve ser isso que torna esta história ainda mais espantosa…

Stéphane – Seja como for, tinha perdido completamente a memória. Fui acolhido por umas freiras num convento. Só agora recuperei a memória… E, claro, vim imediatamente para cá.

Maurice – Bem, tudo está bem quando acaba bem!

Françoise – Finalmente vão poder casar-se!

Maurice – Pois, tudo acabará num casamento, como nos contos de fadas. E como a festa já está paga… Diga-me, Stéphane, perdeu a memória, mas não perdeu o dinheiro que lhe dei para casar com a minha filha, pois não?

Stéphane – Bem, é que…

Valentine – Que história é essa?

Stéphane – Depois explico-te, querida…

Maurice – Desde que lhe ponha a aliança no dedo, está tudo bem. *(À parte.)* Senão ainda sou eu que lhe ponho as algemas nos pulsos…

Françoise – Vai ser curioso ver os dois gémeos no casamento.

Stéphane – Dada a situação, não sei se o Stefano vai querer assistir à cerimónia…

Valentine – Bem, agora compreendem que precisamos de ficar um bocadinho a sós…

Françoise – Claro, querida… Vamos, Maurice…

Maurice – Então até breve… Stéphane.

Os pais saem.

Valentine – Muito bem, parabéns…

Stéphane – Achas que acreditaram?

Valentine – Quando se tem pela frente um mentiroso profissional… Mas diz-me: que dinheiro é esse que o meu pai te adiantou para o nosso casamento?

Stéphane – Bem, é que…

Valentine – Não me digas que foi com esse dinheiro que andaste em digressão com os Rebeldes!

Stéphane – Estou disposto a devolvê-lo, Valentine. Mesmo que tenha de trabalhar a tempo inteiro até ao fim da vida…

Valentine – É o que quase toda a gente faz para criar uma família, sabes? *(O bebé chora.)* Mas não perdes pela demora…

Valentine sai e regressa com uma alcofa.

Stéphane *(enternecido)* – Já agora, como se chama? Ainda não me disseste…

Valentine – Este é o Orfeu.

Outro bebé começa a chorar e ela vai buscar uma segunda alcofa.

Valentine – E esta é a Eurídice… São gémeos. Deve ser de família… Talvez seja genético…

Stéphane – Orfeu e Eurídice… Porra… Que inferno… Quer dizer… Que maravilha!

Valentine – Vais ver… Quando os dois começam a chorar ao mesmo tempo, parece que temos som estéreo.

Ele inclina-se preocupado sobre as duas alcofas.

Stéphane – E… tens a certeza de que são os dois meus filhos?

Valentine – Quem sabe…

Stéphane – É estranho, este faz-me lembrar vagamente alguém…

Os bebés choram a duas vozes. Valentine tenta acalmá-los. A campainha toca.

Valentine – Podes ir abrir? Como vês, estou um bocadinho ocupada… Devem ser outra vez os meus pais… Devem ter-se esquecido de alguma coisa.

Stéphane – Eu vou.

Sai por instantes para abrir a porta e reaparece com um grande sorriso.

Stéphane – Vais-te rir… É o Marco!

Valentine lança-lhe um olhar incrédulo.

Valentine – O Marco?

Música rock (eventualmente Smoke on the Water*, dos Deep Purple).*

Escuridão.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Agosto de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-37705-984-3

Documento para download gratuito